



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SEculo



Por LAURA CHAVES

No alto da prateleira,
metido no seu cartuxo,
fala o arroz de primeira,
com Dona Massa de luxo.

Discussão acalorada:
O arroz, bastante orgulhoso,
afirma á Massa, escamada,
que o arroz é mais gostoso.

Logo as coisas da dispensa,
comentam, num escarcéu:
—«Mas que parvo! Já é crença!
O mais gostoso sou eu!»

A Batata turva o rosto,
remungando tôda aflita:
—«Vocês sabem lá o gôsto
que tem a batata frita!»

—«Cale-me a bôca, Menina!
Em gôsto tudo desbanco!
Porque eu cá sou papa fina!»—
diz, solene, o Feijão branco.

—«Papa fina, que vaidade!
Não diga asneiras, lapuz!»—
berra altivo o Feijão frade,
deitando abaixo o capuz.

—«Eu, com cebola picada,
salsa, azeite e segurelha
tudo mexido, em salada,
fico de trás da orelha!»—



Volvem as Castanhas cruas,
saíndo fóra das cascas:

—«Vocês só caras, têm duas,
e é bom petisco... nas tascas!»

Nós, sim, que temos sabor!
Uma delícia! Um regalo!
Assadas no assador,
sômos pitaça de estalo!»—

O presunto, em voz pausada,
afirma, então, doutoral:
—«Nós não sabemos a nada
se nos não deitarem sal!»—

Depois é que foram elas!
Os Géneros, malcriados,
abrindo muito as guelas,
responderam derromados:

—«Cale a bôca, seu Presunto!
Não diga coisas sem tino!
Bem se vê, pelo bestunto,
que o seu pai era um suino!»

Lá porque o primo, o Toicinho,
um palerma deslavado,
vive sempre estascadinho
dentro do sal, é salgado,

não deve assim afirmar
com ar de grande senhor
que sem sal a acompanhar
nenhum de nós tem sabor!»

Um Peru, num taboleiro,
á espera de ser assado,
bradou todo sobranceiro
e foi veemente o seu brado:

—«Não há melhor iguaria
do que um naco de peru!
O sal é uma porcaria!
Se te agrada, come-o tu!»

(Continua na página seguinte)

Na "Matinée" do "Pim Pam Pum"

que se realiza, no dia 20, no Tivoli, o Anão Sabichão distribuirá aos seus pequeninos amigos um lindo brinquedo

Não há creança de Lisboa que não conheça, já, a grande notícia: no dia 20, no «Tivoli», realiza-se a grande «matinée» do «Pim-Pam-Pum».

O que os pequenos leitores do suplemento do «Seculo» ainda não conhecem bem é a extensão e a beleza do programa.

O teatro dos fantoches vai dar cênas nunca vistas.

Os distintos artistas Beatriz Costa, Vasco Santana, Santos Carvalho e Octavio de Matos, vão contar coisas de fazer rir um morto; e cantar canções engraçadíssimas; e anedotas sem rival.

O aparecimento do Anão Sabichão, em carne e osso, vai constituir um sucesso. Fará tropelias, no meio dos pequeninos, distribuirá doces, brinquedos, chocolates, e os seguintes versos que ele compôs ontem:

Versos para os meninos

Não me conhecem, pois não?
Stá bem, não ha mal algum.
Eu faço a apresentação:
— Sou o Anão-Sabichão,
o Anão do Pim-Pam-Pum.

Aquele que ás quintas feiras,
que é quando o jornal se tira,
inventa mil brincadeiras
e historias tão verdadeiras
que até parece mentira;

o que adivinha as maldades
dos meninos, e as partidas,
o que tem habilidades
p'ra descobrir as verdades
e o que é feito ás escondidas,

Certo dedo adivinhão
ha quem tenha, pelos modos
mas eu possuo um condão: ...
tanto n'uma ou n'outra mão,
os meus adivinham todos.

Para mim não ha segredos,
Sei de todos os assuntos
sem precisar de bruxedos.
Imagem! São dez dedos
a adivinhar todos juntos.

Mas não se assustem. De mim,
que os visito de manhã,
não lhes virá mal algum.
Sou o vosso amigo Pim
e se atiro a bola: — Pam,
nunca faço Pim-Pam-Pum.

Géneros... degenerados

(Continuado da página 1)

A carne, que espera o forno,
já muito bem preparada
com cebolinhas em tórno,
cospe com ar de enjoada.
É todos, num desespêro,
numa berrata infernal,
gritam contra êsse tempêro:
—Morra! Fóra! Abaixo o Sal!—

Metido no seu boião,
o Sal, compungido e mudo,
medita na ingratição
dêsses que lhe devem tudo!

A sopeira, ouvindo tal,
para lhes fazer partida,
não deixou pedra de sal,
nessa tarde, na comida.

O Feijão, cozendo ao lume,
aos pulinhos dentro de água,
resmungo, num azedume,
onde há uma certa mágoa:

—«Não tenho hoje o mesmo chei-
ro...
Que é isto? Sinto-me mal!

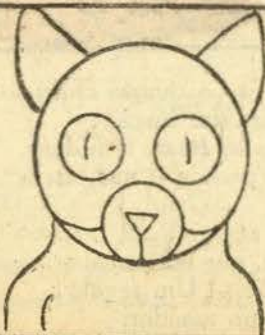
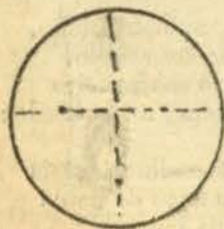
(e acrescenta, num berreiro:)
—Será da falta do Sal?—

As pobres batatas fritas,
saltando no azeite em espuma,
dizem, repêsas, contritas:
—Não temos graça nenhuma!—

A carne, nas cebolinhas,
lágrimas de unto derrama
e funga: — «Ai, filhas minhas,
pareço mesmo de lama!» —

(Continua na página 3)

L i ç ã o d e d e s e n h o



Come se desenha um gato

O NINHO DE PASSARINHOS

Por FLORIMUNDO DA COSTA



— «Renato, vem cá, depressa! Acabo de fazer um precioso achado.— Olha, que lindo!... Um ninho de passarinhos... São melros, certamente. E eu que gosto tanto de melros!»

— «O' Carlitos!... Deixa as pobres avezinhas em paz! Não vês como os pais soltam pios aflitivos só por haverem pegado na ramada onde têm o ninho. Não compreendes, decerto, a sua aflicção, pois, de contrário nem tu próprio pensarías em tal».

— «Cala-te, tonto. Deixa-te de piéguices e ajuda-me a trepar á árvore. Ouves os passarinhos?! Devem estar quasi aptos a tomarem o vôo».

— «Mais uma razão para os deixa-



res tranquilos. E depois de que nos serviriam eles engaiolados?! Não tardariam a morrer ou pelo menos viveriam infelizes, longe dos pais, do arvoredo, enfim de tudo que mais amam e adoram!»

— «Não há duvida, és tudo o que tenho visto de mais estúpido! Pois eu, que gosto tanto de melros, havia de deixar o ninho ás mãos por causa dos teus escrúpulos tólos?! Grande pateta!... Ajuda-me, anda!»

— «Não; já te disse que não. De modo algum te auxiliaria numa tão feia acção: Acredita que destruir um ninho é uma crueldade sem nome.

Um ninho é um lar pequenino que todos nós devemos respeitar. Que sofrimento não seria o dos pobres mel-

ros se te vissem levar os filhitos criados com tanto amor e carinho?!

Não nos assiste o direito de destruir seja o que for e muito menos quando se trata da felicidade dos outros. Pensa bem no que vais fazer!»

— «A minha resolução é inabalável. Os melros são meus e muito meus. E visto tu me não queres ajudar, dispensarei, de bom grado, o teu auxílio.»

E o Carlitos preparava-se já para trepar á árvore, quando o Renatozinho vendo que todos os argumentos, para o demover de tão nefanda idéa, resultariam inúteis, o deteve para lhe apresentar um admirável automóvel de corda, com lâmpadas próprias, um lindo brinquedo...

— «Se deixares os melrinhos em paz, (disse com voz comovida,) dou-te o meu automóvel que tu achas tão lindo...»

— «Dás-mo? — (retroquiu, simultaneamente incrédulo e alegre, o Carlitos)— Deves estar paleta de tudo. Pais o que vale este insignificante ninho comparado com tão magnifica peça? Positivamente, fazes negócio de cego e eu quasi tenho escrúpulos em aceitar».

— «Toma o automóvel, Carlitos. Eu prefiro ver estas avezinhas felizes, a ficar com ele. E' negócio feito. Porém tu comprometes-te a não tocar no ninho.»

— «Juro-to, Renato».

— «Pois, então, aqui o tens. E, agora, adeus, Carlitos. Faz-se tarde e ainda tenho de estudar as lições para amanhã».

— «Adeus, Renato».

E o bom do Renatozinho lá se foi para casa com os olhos rasos de água, enquanto o seu amigo dava saltos e cabriolas, de contente, por tão belo contracto.

Na verdade, o Renato era duma patética extrema. Privar-se de tão belo objecto por um misero ninho era de veras singular. E o Carlos, fazendo mentalmente estas tão pouco ajuizadas deducções, ia mirando e remirando o precioso brinquedo.

Como eram diferentes os pensamentos de Renato. Ele lamentava, é certo, a perda do seu querido automóvel, presente de seus pais, quando passara para a terceira classe. Gostava tanto de brincar com ele! Tinha-lhe tanta amizade que não podia esquecê-lo; era como se fôra um velho e bom amigo...

Mas a infelicidade dos melrinhos merecia bem o sacrificio. Depois de ter arrancado do peito um prolongado suspiro, enxugou os olhos e, composto tanto quanto possível o seu ar habitual alegre, entrou cantarolando no solar.

— Na manhã seguinte levantou-se muito cedo e antes de ir para a escola, foi ver os seus melrinhos.

O espectáculo que observou consolou-o totalmente do grande sacrificio que fizera: o melro fêmea, saltitando alegremente de ramo em ramo, trazia no bico o sustento das pequenas avezinhas que chilreavam de contentamento, enquanto o pai, poisando próximo do ninho, como a revêr-se na prole abençoada, soltava, á brisa vespertina, os seus admiráveis gorgeios de soprano.

Como era encantador! E o coração sensível do Renatozinho dilatava-se numa grande alegria por ver a felicidade dos gentis passarinhos.

Ah, mas se ele pudesse compreender a linguagem da pequena família, salva a preço de tão grande sacrificio, como teria ficado comovido!...

— «Meus filhos, trilava o lindo melro empoleirado no ramo verdejante, não esqueçais nunca que deveis a vossa liberdade ao coração generoso deste adorável menino. Se ele vos não tivesse protegido, a estas horas estavamos engaiolados, longe do nosso affecto, perdidos para sempre, enquanto eu e vossa mãe carpiríamos saudades, impotentes para vos libertar. E', pois, nosso dever recompensá-lo por tão grande favor. A gratidão, meus filhos, é um dos mais belos sentimentos».

— «Mas, recompensá-lo, como?! — interrogou, á uma, toda a ninhada.

— «Tontinhos, bem se vê que sois

(Continua na página 6)



História duma Andorinha

PeLo ANÃO SABICHÃO

A GORA, na primavera, acordo todas as manhãs ao som duns *piu-pius*, muito meus conhecidos.

São as tagarelas das andorinhas, que, em revoadas alegres, tratam da sua vida.

Muito contente por as ter por vizinhas, dou-lhes os bons dias, e desejo-lhes bom material para os seus ninhos e bela pitaça para os seus papinhos.

Quando eu apareço, veem rodear-me, esvoaçando satisfeitas e conversam comigo.

Foi no decorrer duma dessas conversas que lhes dei parte que escrevia para o «Pim-Pam-Pum», e uma delas, pousou-me no ombro e, em ar de confiança, piou me assim:

— Isto que te vou contar, é uma história de pasmarr!
 — E' a minha, por sinal! —
 • Escreve-a lá no jornal e verás que há-de ser lida e decorada e retida, por tódos os leitoresinhos que são os teus amiguinhos. Depois me dirás, Anão, se eles gostaram, ou não! —

— Com o maior prazer, menina.

— Tremolina é que é o meu nome, — tornou ela, muito pronta.



— Pois menina Tremolina estou mortinho por a ouvir e radiante por ter uma história linda para o «Pim-Pam-Pum». —

— Preste pois muita atenção, que o caso é de sensação! — disse a esperta andorinha.

E logo se pôs a contar, num piar muito doce o que eu aqui deixo escrito

— Foi numa linda terra de Portugal, por cima da janela duma casinha branca, que meus pais construíram o seu ninho.

Ali nasci, eu e mais cinco irmãos.

No primeiro dia em que pús a cabecinha fóra do ninho, logo ouvi uma voz meiga, exclamar:



— Minha mãt venha cá vêr uma andorinha pequenina que está ali a espreitar sobre a janela. —

Admirada, inclinei-me um pouco mais e vi a carinha pálida dum rapazinho.

Apontava, para mim, com o seu dedinho esguio.

— Que lindos olhinhos tem!

Gostava tanto que ela fosse minha amiga! Mãisinha, é possível uma andorinha ser amiga dum menino? —

— E porque não, meu filho?... Se a andorinha é dos pássaros mais inteligentes. — respondeu a senhora com um sorriso de bondade —

Daí por diante, por mais recomendações que a minha mãt me fizesse, eu estava sempre debruçada para ver o meu amiguinho.

A senhora, logo de manhã, abria a janela, para o sol entrar em casa, e o Antoninho — assim se chamava o menino — mal me avistava, logo dizia muito alegre: — Cá está a minha andorinha! Conheço-a!

Tem uma manchinha branca ao pé dum olho. Repare, minha mãt, como ela olha para mim!

Parece que quer falar! —

O Antoninho tinha razão!

Queria poder dizer-lhe:

— Também gosto muito de ti!

E's um menino muito meigo e bonsinho. —

Quando começámos a voar, vim, logo, pousar no para-peito da sua janela, a-pesar-da minha mãt me dizer aflita:

— Cuidado, filhinha, as crianças são os nossos piores inimigos! —

Eu confiava na bondade do meu amigo e não desistia de me aproximar.

Ele, todo contente, dizia-me:

— Bom dia, Tremolina! E' este o nome com que te baptisei.

Eu tinha muita pena que o Antoninho não fôsse como tu, Anão Sabichão, que tão bem entendes a nossa língua, mas fá-lhe fazendo o meu *piu-piu*, mais terno, para lhe agradecer a sua amizade e atenções!

Quando crescêmos o ninho tornou-se acanhado.

Então, o meu amiguinho, estendeu uma corda por baixo do telhado, para nós fazermos dela poleiro.

Ali dormíamos, chegadinhás umas ás outras, muito abrigadas do vento.



Um dia, ouvi o Antoninho dizer à mãe: — Parece-me que a Tremolina já vóa tanto como as andorinhas grandes. —

E a senhora respondeu:

Ainda bem! Assim terá forças para atravessar o mar. —

Com os olhos cheios de lágrimas, o meu amiguinho acudiu:

— Porque se não-de ir embora as andorinhas.

Podíamos fazer-lhes uma casa lá no sótão, para morarem no inverno. —

Não pode ser, porque além de não resistirem ao frio, nessa época não há os insectos que precisam para o seu sustento. —

— E para onde vão elas, minha mãe? —

— Para certos pontos de Africa e outras terras quentes, como a Madeira... —

— Quem me dêra ir com as andorinhas!... O doutor diz sempre que se eu vivesse em sítios quentes, nunca estaria doente!... —

A senhora respondeu, com tristeza:

— Isso é bom de dizer! Infelizmente não somos como os pássaros!

E' preciso ter dinheiro para viajar e tu bem sabes que não o temos! —

O Antoninho, ficou pensativo, como refletindo no que a mãe lhe dissera.

Num dia de Outono, de vento desabrido, meu pai disse-nos: — Esta semana partimos daqui. O inverno está a chegar. Não tenham medo, a viagem correrá bem. Eu as guiarei. —

Fiquei muito triste ao lembrar-me que tinha de deixar o Antoninho, mas devia obedecer a meus pais que me diziam que morreria se teimasse em ficar.

Uma noite estava eu a dormir junto de minhas irmãs, quando senti a janela abrir-se e uma mãozinha agarrar-me.

O coração bateu-me apressado, enquanto o Antoninho me levava para perto da luz.

Examinei-me e disse alto:

— Não me enganei, minha mãe. Esta é a Tremolina. —

Depois, foi buscar um papélinho enrolado e atou-mo, com mil cuidados, por baixo duma asa.

— Levas o meu nome contigo, andorinha! Se fôres para casa dalguns meninos, gostava que eles soubessem o nome do teu amiguinho de Portugal.

E quem sabe se, assim, não te esquecerás de mim. —

O Antoninho, ao pôr-me outra vez na corda, deu-me muitos beijos de despedida.

A esta recordação, Tremolina estava muito comovida e, sacudindo as asitas, perguntou-me:

— Tem-te agradado a minha história, Anãosinho? —

— Acho-a linda, Tremolina! —

— Por hoje não te conto mais nada. Vou tratar da minha vida. Amanhã voltarei á mesma hora. Tenho muito empenho que os leitores do «Pim-Pam-Pum» conheçam as várias circunstâncias extraordinárias que tornaram a minha vida tão curiosa e cheia de interesse. — Então, até amanhã, amigo Anão! —

E a Tremolina, batendo as asas, num vôo elegante, foi juntar-se ás companheiras e eu tratei de lhes vir contar o que lhe ouvira.

— Penso que os meus meninos ficarão no ar, assim como eu, pela continuação desta estranha história.

No entanto, é bom que se lembrem que se o vosso Anãosinho não entendesse a língua dos passarinhos a Tremolina não teria a quem contar a sua vida e esta linda história morreria com ela.



DESTINOS

Novela infantil por
GRACIETTE BRANCO

Por absoluta falta de espaço, somos obrigados a retirar o original da continuação desta interessante novela que continuaremos a publicar no próximo número,

O CESTINHO DA COSTURA

Por ABELHA MESTRA

Minhas queridas discipulas.

Apresento-lhes hoje o sr. Tótó, que, todo garrido, cheio de laçarotes, parece olhar-vos com uma certa altivez! E' que éle sente-se irresistível e a idéa de figurar, assim, bordado, num dos vossos frescos e leves fatinhos de verão, enche-o de orgulho! Decerto pensa consigo: Vou fazer um vistão! Também, embora isso para éle represente um grande sacrifício por não desgostár de ser colocado num guardanapo e, estou convencida, será, durante a refeição, um divertido companheiro para o bébé que o possuir.

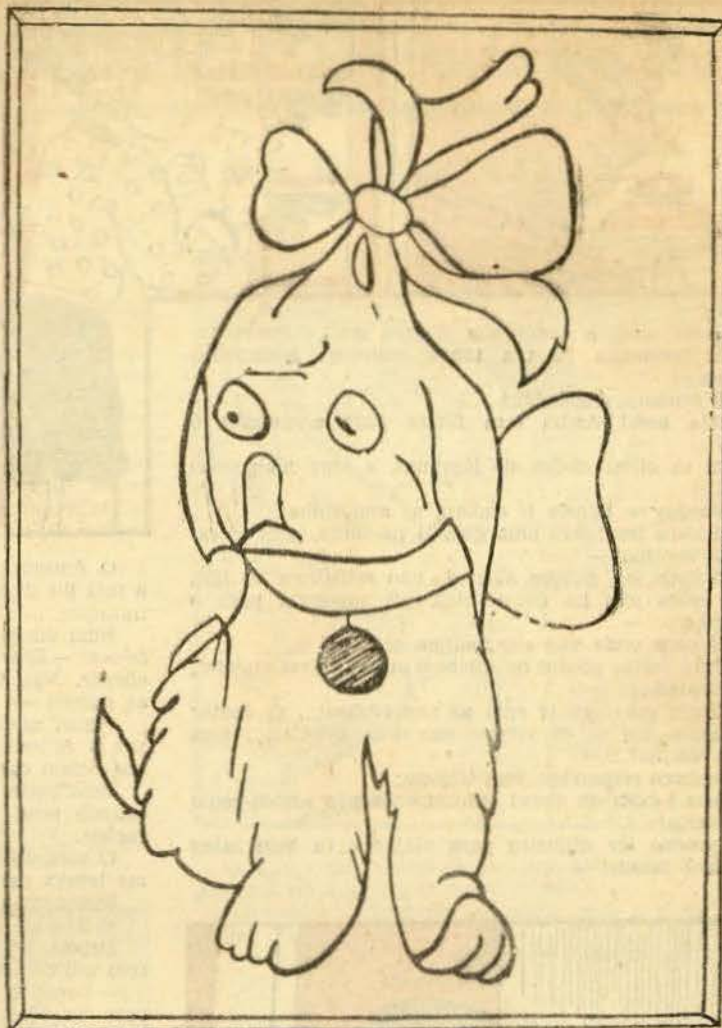
Os laçarotes e a bóca, encarnados, o guiso, amarelo e o nosso simpático amigo bordado a tons de castanho, teremos assim, um engraçado conjunto.

O ponto do bordado é o ponto pé de flôr.

Espero que a habilidosa abelhinha que me pediu o modelo dum «bichos» fique inteiramente satisfeita.

Brevemente satisfarei o pedido de um fatinho de malha para boneca que me foi também solicitado por uma gentil e assídua leitora. E até daqui a quinze dias, abraça-as a todas a

Abelha Mestreira



O NINHO DE PASSARINHOS (Continuado da pág. 3)

ainda uns inexperientes. Muito facilmente. Basta ajudarmos a defender, tódos os dias, das larvas e mais insectos nocivos, os frutos e legumes da sua Quinta, as flôres mimosas do seu jardim.

—«Só isso!»—retorquiram os melrinhos que achavam bem pequena a recompensa.

—«Nós o prometemos! Nós o prometemos!

Tu, verás papá; logo que tivermos a vitalidade suficiente para sairmos do ninho, como nós trabalharemos com afân para o nosso querido benefeitor».

E cumpriram fielmente a sua promessa.

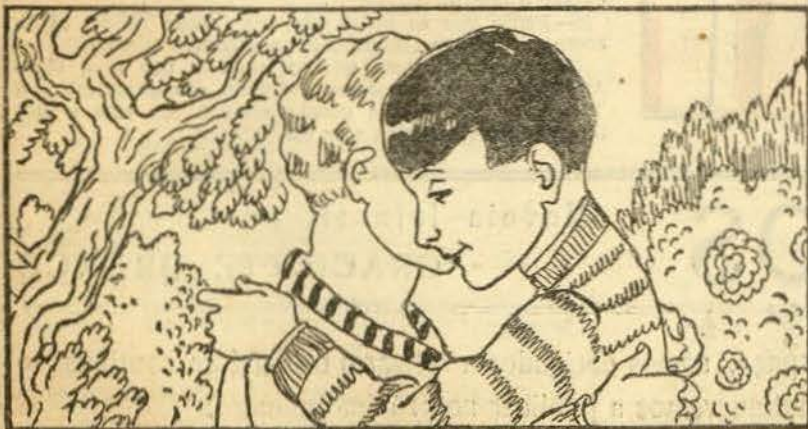
Podeis crer, meus meninos, uma boa acção é sempre recompensada.

Passados tempos andava o Renatozinho colhendo apetitosas cerejas na quinta, quando lhe apareceu o Carlitos. Ele que era naturalmente alegre e folgazão, apresentava-se, nessa tarde, triste, e como que sucumbido sob o peso dalguma culpa desconhecida.

—«Renato, meu amigo — (exclamou com voz trémula) — tenho reflectido muito nestes últimos dias, e vejo, com tristeza, que a minha conduta não tem sido das mais louváveis. Assim, compreendi que é uma falta merecedora de severo castigo, destruir um ninho. Oh, tão grande falta estive eu prestes a cometer, e tê-la-ia cometido, decerto, se não tivesse sido a tua benéfica interferência. Estou muito arrependido e venho pedir-te humildemente, que me perdoes!»

—«Que idéa, Carlitos. — Eu nada lenho a perdoar-te. Confesso que me causou bastante pena vêr-te, nesse dia, patentear sentimentos tão pouco dignos, mas tudo isso passou e a amizade que por ti sentia, ainda não esmoreceu.»

—«Obrigado, Renato. — (murmurou o Carlitos, lançando-se nos braços que o seu amigo lhe estendia). — Terei sempre presente a tua nobre conduta. E nunca mais esquecerei o ninho dos passarinhos.»



GENEROS... DEGENERADOS (Continado da pág. 2)

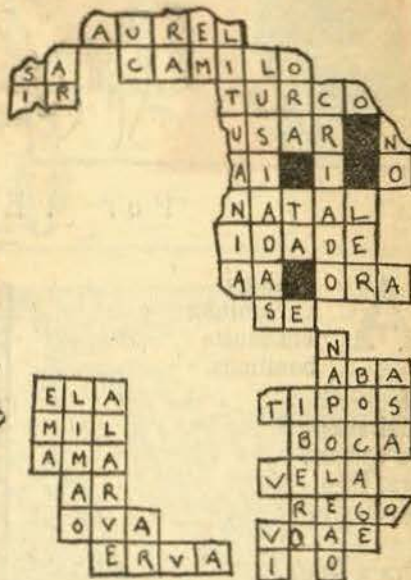
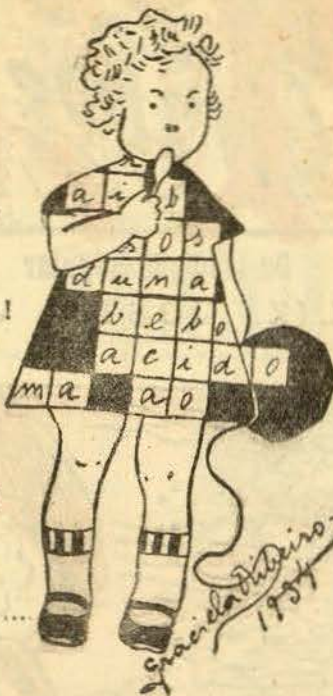
Palavras Cruzadas

E o peru, baixinho, então,
ao taboleiro insinua:
—«Sinto-me sensaborão!
Té pareço uma perua!»
Dêsde a sopinha ao assado,
tòdos, numa berraria,
gritaram, no mesmo brado:
—«Já não temos alegria!»—

E o Sal, lá no seu boião,
pensa ao ouvir os seus ais:
—«Coitados! Que parvos são!
Até parecem mortais!»

A Patroa, nêsse instante,
vem á cozinha, danada,
e dá, que coisa vexante,
êste rasanço á criada:
—«Isto não tem sal nenhum!
Que grande sensaboria!
Dêsde a sopinha ao *pirum*,
deita já tudo na pia!»

Nunca esqueçam, por favor,
de que o sal é, na comida,
o que a alegria é na vida:
—o sabor!



Soluções dos problemas anteriores

Para os meninos colorirem

Charadas em frase



Este pigmeu, ao pé daquele homem que é duas vezes maior do que êle, corre o risco de se estender no solo, a-pesar de ser um importante personagem d'êste suplemento— 2-1-1-1.

A acusada foi observada antes de ser passado o exame à tropa em formatura—1-2.

No oceano aquele homem comeu esta fruta—1-2.

Ao bater-lhe no rosto êste fruto, desmanchou-lhe o cabelo—2-2.

Ao sair da sua moradia êste animal mordeu o meu sobretudo—2-2.

Ela olha esta provincia portuguesa dum mirante—2-2.

Solução das anteriores:—1—Semana; 2—Máscara; 3—Reteição; 4—Poema; 5—Camarata; 6—Monograma.

Solução dos enigmas anteriores:—1—Vizela; 2—Portel; 3—Mangualde; 4—Lisboa; 5—Sines; 6—Pombal; 7—Aveiro; 8—Pinhel; 9—Damão.



Da tradição popular

Por FELIZ COSTA VENTURA

A Senhora Carochinha era muito bonitinha.

Mal surgia na sacada, era, logo, cortejada.

Ora a Dona Carochinha foi a casa



da vizinha; mas sendo, logo, seguida, porta em porta, por Dom Grilo e por Dom Ralo, pediu à sua vizinha que, a livrasse sem demora, dessa gente tão daninha.

Então, a sua vizinha logo diz para a criada, Senhora Dona Vassoura, que os agarrasse e levasse à sua galinha loura.

Quando estavam descansados para a pá foram lançados e levados para o bico da galinha,

que lá no seu *pico-pico, pico-pico, sarapico*, os meteu na barriguinha.

Eis a história, tão inglória, desses pobres malfadados: o Dom Grilinho e Dom Ralo que foram, assim, levados para o bico *sarapico* da galinha da vizinha da tal Dona Carochinha!

■ F I M ■

O lindo livro «**PRESENTE de NATAL**» que Editorial-Século acaba de pôr à venda e de que são autores Graciete Branco e Augusto de Santa-Rita, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso com os seguintes títulos:

— A boa estrela—Carta da Praia—A nossa Pátria—Teimosia castigada—O menino gabarola—O Farol—Luizinha—O Terror do passarinho—Hospitalidade—Uma menina feia—A resposta da Lili—Piedosa mentira—A garraçada—Alma delicada—Os ninhos—O Estudo—A carta anónima—A bolinha vermelha—Os nossos vizinhos—A raposa e o cordeirinho—A Natureza e Oração. — SAO 104 PÁGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 Escudos